



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CAMPUS VI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

DJANILDA ALVES FEITOSA REBOUÇAS

**ENTRE A REPRESSÃO E O DIREITO DE GOZAR: A EXPRESSÃO DO DESEJO
FEMININO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM IGNÁCIO
LOYOLA BRANDÃO E HENRIQUETA BELMINDA**

**MONTEIRO
2018**

DJANILDA ALVES FEITOSA REBOUÇAS

**ENTRE A REPRESSÃO E O DIREITO DE GOZAR: A EXPRESSÃO DO DESEJO
FEMININO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM IGNÁCIO
LOYOLA BRANDÃO E HENRIQUETA BELMINDA**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduada em Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da
Silva

**MONTEIRO
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R292e Rebouças, Djanilda Alves Feitosa.

Entre a repressão e o direito de gozar [manuscrito] : a expressão do desejo feminino na literatura brasileira contemporânea em Ignácio Loyola Brandão e Henriqueta Belminda / Djanilda Alves Feitosa Rebouças. - 2018.
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Sexualidade feminina. 2. Literatura erótica. 3. A Esposa do Colecionador (Conto). 4. Henriqueta Belminda. 5. Obscenidades para uma dona de casa (Conto) . 6. Ignácio Loyola Brandão. 7. Prazer feminino.

21. ed. CDD 801.959

DJANILDA ALVES FEITOSA

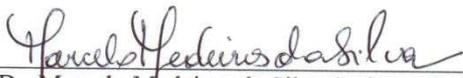
LITERATURA E EROTISMO
EM IGNÁCIO LOYOLA BRANDÃO E HENRIQUETA BELMINDA

Artigo apresentado ao Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Aprovada em: 06/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ma. Joana Dar'k Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ma Simone dos Santos Alves Ferreira (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus a conclusão deste trabalho. Ao meu orientador Doutor Marcelo Medeiros da Silva. Ao meu esposo, filhos, familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para encerrar esse círculo.

Ao meu professor Marcelo Medeiros da Silva pela sua valorosa orientação, por ter me direcionado e incentivado no magnífico mundo literário, agradeço pela paciência, atenção, dedicação com que se dispôs a orientar-me neste trabalho.

À universidade Estadual da Paraíba que fiz por longos anos o mesmo percurso em busca de conhecimentos. Aos professores que fizeram parte desta banca que contribuíram ricamente para minha evolução profissional, Por todo quadro de profissionais desde os mestres, secretários, coordenação, direção, equipe de apoio, por todo carinho durante esses anos.

A Marcely Ventura, Aldinida, Dorotéia, pessoas que como Marcelo Medeiros despertaram em mim o prazer constante e jamais saciado pela leitura.

A Professora, Doutora e psicóloga Jana Dark Costa por ter sido tão importante em minha vida.

Meu esposo Carlos Gley, meus filhos Carlos Denner e Miguel Arcanjo por ter tantas vezes me ausentado para dedicar-me aos estudos para ser exemplo para que vocês construam um futuro brilhante e voem cada vez mais alto em busca de seus sonhos.

Aos meus pais, minhas irmãs e sobrinhos pelos gestos de carinho e por eu ser o que sou hoje.

A Ana Paula Oliveira pelo incentivo a prestar o vestibular e hoje concluo essa etapa.

A minha imã amiga que levarei por toda vida Danielle Soares Ribeiro por tantos momentos que precisava de um ombro amigo você estava disponível. A minha e inesquecível turma pôr tantas alegrias vividas em sala

Não posso esquecer de agradecer aquela professora que um dia mim desconstruiu seu veneno me mal, mas como diziam suas palavras, “filhas de pais analfabetos só serviam para trabalhar para os outros e não chegam à faculdade,”estou me formando como professora porque você também foi exemplo para mim, a nunca criar bloqueios infelizes nos sonhos de alguém (eu era só uma criança).

Gratidão.

EPÍGRAFE

“Da carne rosada e branca
Do teu corpo primoroso
O prazer fêrvido arranca
Os arrepios do gozo...”

Wenceslau De Queiroz.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. O corpo, desejo e repressão: considerações acerca da sexualidade feminina	11
3. No corpo da literatura: mulher, sexualidade e repressão	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

ENTRE A REPRESSÃO E O DIREITO DE GOZAR: A EXPRESSÃO DO DESEJO FEMININO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM IGNÁCIO LOYOLA BRANDÃO E HENRIQUETA BELMINDA

Djanilda Alves Feitosa Rebouças¹

RESUMO

Este trabalho procura estudar a expressão do desejo erótico em dois contos da literatura brasileira: “Obscenidades para uma dona de casa” (2000), de Ignácio Loyola Brandão, e “A esposa do colecionador” (2011), de Henriqueta Belminda. Ensejamos evidenciar como, a partir da expressão do desejo erótico por meio das protagonistas, os contos podem nos levar a uma reflexão acerca da sexualidade feminina em uma sociedade patriarcal e repressora como a nossa. A análise a ser realizada assenta-se nos estudos sobre sexualidade e mulher, notadamente os de Foucault (1998) e Del Priore (2014).

Palavras-Chave: Sexualidade. Mulher. Conto Contemporâneo.

1. INTRODUÇÃO

É comum no imaginário popular associar qualquer menção à Literatura Erótica a algo que envolve obscenidade, fetiches, prazeres os mais insólitos possíveis que, em virtude de uma sociedade repressora, devem ser calados ou vivenciados às escondidas. Essa atitude causa certo paradoxo, visto que, se vivemos em uma sociedade que procurar reprimir nossos mais recônditos desejos sexuais, essa mesma sociedade, por outro lado, fomentam, igualmente, as mais diversas fantasias, impelindo-nos ao consumo de produtos eróticos como: filmes pornô, lingeries, masturbadores, vibradores, etc. O que, a nosso ver, não contribui para o desenvolvimento salutar da vivência sexual tampouco da naturalização da sexualidade como algo positivo na vida de ser humano.

Em outras palavras, a sexualidade, seja como tema, seja como tabu, ainda gera certo desconforto para nós, porque ela não está alçada ainda na ordem dos assuntos ordinários, ou

¹Aluna de Graduação em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI.
E-mail: djinhassu@gmail.com

seja, assuntos de que tratamos cotidianamente em casa, no trabalho, com nossos pais, nossos filhos, nossos amigos. Apesar disso, advogamos que as discussões acerca da sexualidade têm que entrar, sim, na pauta do dia nas escolas o assunto é passado de forma reprimida como se fosse o mal representado no livro didático que bloqueia a curiosidade dos sujeitos ao invés de fomentar a reflexão acerca de como as formas de representação do sexo, da sexualidade foram e são construídas histórico-socialmente de maneira que tais discussões possam mudar o modo como, comumente, concebemos a sexualidade, isto é, um assunto indigesto que nos causa receios, medos, vergonhas. Essa mudança no olhar lançado para a sexualidade faz-se importante para que possamos contribuir na formação de sujeitos que, no lugar do embate com o próprio corpo, com a própria sexualidade, venham a desenvolver uma relação mais harmônica, equilibrada consigo e com seu corpo, seus desejos sexuais quando assim as pessoas entenderem que falar de sexualidade e sexo somos nós os responsáveis por essas piores coisas que se erguem a sua volta que se mal fosse as pessoas não bebiam de suas fontes e voltariam sempre para se saciar.

Nesse sentido, acreditamos que o texto literário pode ser um instrumento (terapêutico, embora em nosso trabalho não exploremos essa potencialidade) importante acerca das formas como, secularmente, a relação de homens e mulheres com o seu próprio corpo e desejos foi construída, rompendo assim tantas barreiras impostas como tal funciona como representação de uma das mais antigas formas de saber/experiência humana em que – o desejo sexual - uma vez que esse é um fato natural que, segundo Bataille (1987), foi convertido em atividade erótica. Entretanto, como assinala o referido autor, “a atividade sexual dos homens não é necessariamente erótica. Ela o é sempre que não for rudimentar, que não for simplesmente animal” (BATAILLE, 1987, p. 28). O erotismo está ligado à escrita, em muitas produções literárias, ainda que permanece como objeto de interrogação a encantar a nós desde tempos remotos. Os relatos das paixões, dos amores, desejos impossíveis e suas súplicas movem a imaginação dos sujeitos, a tornar e prolongar seus desejos, para que eles resistam ao tempo impulsionando assim os sujeitos a viverem fabulando seus desejos mais íntimos sua própria sexualidade e a sexualidade alheia.

Os escritos eróticos têm sido não só fonte de prazer, mas, sobretudo, de curiosidade porque para muitos sujeitos, ainda que sob o signo da interdição, Eros é um deus a quem não deixamos de servir, mesmo que obliquamente. Por isso, temas que envolvem a sexualidade têm servido como escopo para a produção de diversos textos literários, filmicos, musicais, despertando interesse e construindo um saber sobre a sexualidade humana. Em razão disso, no

presente trabalho, voltamos nosso interesse para a investigação das representações em torno da sexualidade em dois contos da literatura brasileira: “Obscenidades para uma dona de casa”, de Ignácio Loyola Brandão, e “A esposa do colecionador”, de Henriqueta Belminda. A partir de uma análise comparativa, procuraremos não só evidenciar como a expressão do desejo erótico encontra-se manifestada em cada uma das narrativas, mas, sobretudo, objetivamos refletir até que ponto o fato de um conto ter sido escrito por um homem e o outro ter sido escrito por uma mulher pode ter interferido no tipo de representação da sexualidade em cada uma das narrativas. A escolha desse tema *entre a repressão e o direito de gozar: a expressão do desejo feminino na literatura brasileira contemporânea* é fruto de leituras as quais exigira agora uma verticalização maior que transcenda o gosto meramente pessoal a nos propormos a pesquisar o que aflige o íntimo de qualquer mulher, seja por imposição cultural não realizam o desejo, se dispondo de si e de valores buscando cada vez mais frequente essa realização, o ápice sexual.

2. O corpo, desejo e repressão: considerações acerca da sexualidade feminina

As relações conjugais sempre foram alvo de bisbilhotamento. Olhos curiosos das pessoas existiam em toda parte em busca de invadir a intimidade alheia. Então as condutas trazidas pela modernidade foram afastando o que era considerado público do privado. Nossa sociedade foi seguindo aos poucos as regras da igreja desde a Idade Média que controlava tudo, inclusive as relações entre homem e mulher. Não cabia a homens e mulheres realizar, darem vazão aos desejos sexuais tendo como finalidade o prazer, porque este, dentro da moral cristã ocidental, era considerado desprezível à natureza humana. O sexo entre homens e mulheres só era permitido para multiplicar a espécie e depois de confirmarem perante a igreja o enlace matrimonial. Percebemos que, desde muito tempo, houve a necessidade de regular, controlar a sexualidade humana, inviabilizando a vivência sexual a não ser para um fim específico: a reprodução.

Se a intimidade entre o homem e a mulher ultrapassasse esse objetivo, a prática da sexualidade era considerada como pecado. Logo, não se procurava apenas reprimir a vivência da sexualidade, mas se chegou à construção tácita de um verdadeiro código de comportamento sexual, determinando-se quais as posições sexuais deveriam ser seguidas pelos parceiros, valorizando-se certas relações e execrando-se outras. Em se tratando da prática da sexualidade entre homem e mulher, tida como a aceita porque “natural”, cabia ao

homem controlar e dominar o ato, colocando-se na posição de senhor, o dono do corpo feminino, enquanto à mulher cabia apenas se subordinar às vontades do homem e não lhe negar o prazer. Logo, o corpo feminino era via para um único prazer: o masculino. Ou seja, à mulher cabia o papel de objeto para a vivência do desejo de outrem. Seu corpo era usado, mas ela nunca poderia dizer como deveriam ser os termos desse uso. Seus desejos eram calados.

O corpo feminino era, portanto, o lugar por onde circulavam os bens de família. Por isso, muitas mulheres eram condenadas pelos próprios familiares a casarem-se sem amor satisfazendo as vontades de seus familiares. Esse era um destino a que muitas mulheres não puderam fugir, visto que, dentro da lógica patriarcal, elas nasceram para servir como produto para a realização social e econômica de seus familiares e, depois do casamento, como escravas do prazer do marido a quem deveriam cuidar e dar filhos homens saudáveis para que se pudesse garantir a perpetuação da prole. A mulher de casa só teria o corpo do esposo sobre seu corpo quando ele desejasse multiplicar a família. Nas relações que tinha em casa, o homem se satisfazia, chegava ao orgasmo, mas o mesmo, muitas vezes não acontecia com a mulher a quem era sequestrado o direito de gozar.

Mesmo aquelas mulheres que ousaram viver sua sexualidade para fora do casamento, a elas pesava a mão do preconceito, como foi o caso das concubinas. A Igreja juntamente com o Estado desde a Idade Média lutava para combater os concubinatos que eram vistos como meio ilícito e imoral. As mulheres que assim viviam eram consideradas pecadoras e cabiam ao Estado e à Igreja regular ainda mais a vivência da sexualidade, sobretudo porque, os homens, casados, eram os mais propensos às luxúrias da carne eram impulsionados à prática do adultério.

A partir do homem e de suas relações venal é que o adultério se consolidou, e o século XIX foi considerado o apogeu das relações adúlteras que vem se prolongando até os dias de hoje, mas exercido por homens e mulheres. Muitos tentam mascarar suas relações impondo no contexto social e familiar rótulos de respeitabilidade, mas erguem paredes para não serem vistos ou descobertos. Poucas foram às revoluções, pois a couraça ainda algema as relações e a forma comportamental dos sujeitos, a liberdade tão almejada ainda não deu seu grito de livre-arbítrio.

Entretanto, as mulheres aos poucos foram ganhando liberdade e, organizando-se socialmente, passaram a romper com a cortina de silêncio e de repressão que sobre elas, durante séculos, caiu. Nesse sentido, elas conquistaram não só o direito ao voto, ao trabalho, mas, sobretudo, o direito de gozar, ainda que os mecanismos reguladores da sexualidade

feminina persistam e tenham adquirido outras formas ou se valham de outros mecanismos para sequestrarem, outra vez mais, o desejo feminino. Com o uso dos métodos contraceptivos, por exemplo, as mulheres passaram a regular a quantidade de descendentes e dependentes dos seus cuidados e seus corpos foram deixaram de serem usados apenas para a reprodução, mas, agora, para a vivência plena de sua sexualidade: “A conquista da autonomia profissional, a evolução dos modelos familiares, o controle da procriação transformaram suas imagem e situação social.” (DEL PRIORE, 1952, p. 90). Em outras palavras, podemos dizer que: “As mulheres se libertaram da igreja e das amarras da sociedade e buscam realizar sem culpa a audácia do desejo, o gozo que as escravizaram por séculos” (DEL PRIORE, 2014, p.90), libertando seus corpos das fustigações de tantos séculos de preconceito e repressão.

O sexo deveria ser falado de maneira racional, sem vermos nele vulgaridade, escândalo ou de maneira hipócrita como algo fadado ao silêncio, pecado, devassidão. Seguindo a afirmação de Foucault (1988):

Deve-se falar do sexo e falar publicamente em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção é para mostrá-los que servem essas declarações solenes e liminares; cumpro falar do sexo como de uma coisa que não deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos. (FOUCAULT, 1988, p. 30).

A totalidade do falar sobre o sexo não se resume a formulação de julgamentos prévios, mas, sim, a capacidade de dizer sobre algo sem receio, sem reprimir o que pensamos e o que sentimos. Os discursos sobre o sexo devem, de certa forma, ter uma utilidade pública bem elaborada e não se fechar ao público de maneira individualizada como algo proibido, vergonhosos. Falar de sexo vai além de falar sobre libertinagem, se volta para avaliações de condutas dos sujeitos, seus efeitos e limites no meio pessoal quanto social. Dai por que a necessidade regularização do sexo por meio do Estado:

O estado sabia o que se passava com o sexo dos cidadãos e o uso que dele fez e, também, que cada um seja capaz de controlar sua prática. Entre o estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública. Em relação às crianças a liberdade foi calada entre elas e os sujeitos adultos. Incentivar a sexualidade das crianças é apresentada de outras maneiras, com outros interlocutores, com pontos de vistas diferentes para obtenção de outros efeitos. Restringindo o que pode ser dito, os tipos de discurso e com que modo descritivo é viável uns para com os outros. (FOUCAULT, 1988, p. 33).

As instituições governamentais usam o discurso de controle para com os sujeitos. Por isso elas os aconselham, orientam, recomendam que os sujeitos se controlem sexualmente.

Mas, falar da sexualidade para os sujeitos é uma forma de intensificar o que eles já conhecem. Esses múltiplos discursos de controle são usados pelas instituições de forma articulista para que esses conhecimentos cheguem até os sujeitos de forma desqualificada e grosseira, usando do silêncio como o fator regulamentar que vigia a sexualidade das crianças e dos adultos.

As formas de controlar socialmente a sexualidade dos sujeitos sejam estes casais, pais, filhos, adolescentes e crianças eram vistos como margem de risco despertam as atenções dos sujeitos em volta do sexo. O discurso em torno do sexo se constitui no falar, no pensar, nas sensações e nos gestos que o sexo pode despertar. Ele não deveria ser silenciado como algo trancado a sete chaves. Colocá-lo em discurso não o afasta de sua realidade, a busca e a realização do prazer, caso não tenha como finalidade a propagação da espécie. Por isso a expressão *repressão* surgiu no século XVII, mas o uso desse termo é ambíguo, o que podemos relatar sobre essa expressão e que ela foi um meio encontrado pelas instituições, hospitais, igreja, escolas como meio de controlar a sexualidade dos sujeitos.

Há três séculos falar sobre o sexo vem sendo uma discussão que se multiplica. Essa discussão se volta para as proibições, ou seja, uma forma de mascarar o que se é falado sobre o próprio sexo. De acordo com Foucault (1988, p. 61), “referia-se, sobretudo as suas aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas, exasperações mórbidas aos imperativos de uma moral, cujas classificações sob a forma de normas médicas”. O que se buscava era reforçar as leis e as opiniões, envolto de medos que a repressão poderia causar aos sujeitos que, de certa forma, tinham seus desejos e prazeres reprimidos.

O prazer que antes tinha certa “liberdade” se enclausurou nos braços trágicos das doenças consideradas venéreas. Segundo Foucault (1988, p. 62), “os hábitos furtivos dos tímidos e as pequenas e mais solitárias manias; no final dos prazeres insólitos colocou nada menos que a morte; a dos indivíduos, a das gerações, e da espécie”. Por isso, foi instituído pela igreja na Idade Média o ato da confissão apenas como meio de sujeitar as pessoas a um processo ilusório de liberdade, uma maneira evasiva e exaustiva à qual o sujeito era colocado. Eles deveriam confessar seus segredos pessoais, o que acontecia em suas relações e o que se passava com sua própria sexualidade. Passou-se a confessar tudo, isso como uma forma de domínio social. O ato de confissão se disseminou e direcionou-se a produzir discursos verdadeiros sobre o sexo e o prazer:

A obrigação da confissão nos é, agora, imposta a partir de tantos pontos diferentes, já está tão profundamente incorporada a nós que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage; parece-nos que a verdade, na região mais secreta de nós próprios, não “demanda” nada mais que revelar-se; e que, se não chega a isso, é porque é contida á força, porque á violência de um poder pesa sobre ela e, finalmente, só se poderá articular á custa de uma espécie de liberação. A confissão libera, o poder reduz ao silêncio; a verdade não pertence á ordem do poder, mas tem um parentesco originário com a liberdade; eis aí alguns temas tradicionais da filosofia que nem a verdade é livre por natureza nem o erro é severo; que sua produção é inteiramente infiltrada pelas relações de poder. (FOUCAULT, 1988, p. 68).

Falar sobre sexo e prazer era tentar romper as paredes erguidas que cercavam os sujeitos, encobrindo assim sua liberdade buscando suas decifrações, o que realmente diz daquilo que há nos sujeitos, o que realmente os determina e o que muitas vezes ignoram, mas que muitas vezes a curiosidade é destemida a sabermos tudo a respeito da sexualidade alheia, enquanto a própria muitas vezes é aprisionada, mediante ao emaranhado de curiosidades que a cerca e busca-se torná-la intocável.

A sexualidade dos sujeitos não deve ser de certa forma, vista como sujeição ou dominação do poder, mas uma forma articulada, uma estratégia que envolve os sujeitos a não reduzirem sua sexualidade apenas à função reprodutiva.

A burguesia no século XVIII criou os métodos contraceptivos voltadas para o cuidado com o corpo e com as sensações prazerosas sentidas por ele. O cuidado com o corpo não garantia ao sujeito a segurança total de desenvolverem outros problemas não relacionados apenas ao sexo que poderiam influenciar na longevidade das gerações. Burguesia buscava uma maneira de distribuir prazer aos sujeitos só que de uma maneira controlada, mas essa política sexual criada pôr ela não foi seguida homoganeamente pela sociedade, mas a política sexual não buscava a negação do prazer pelos sujeitos, ela via o corpo como um canal de problemas:

O sexo é essa parte do corpo que a burguesia teve que desqualificar ou anular para pôr para trabalhar os que ela dominava. É, ao contrário, esse elemento dela mesma que a inquietou e preocupou mais do que qualquer outro, que solicitou e obteve seus cuidados e que ela cultivou com uma mistura de terror, curiosidade, deleitação e febre. A ele identificou ou pelo menos submeteu seu próprio corpo, emprestando-lhe um poder misterioso e indefinido sobre ele; vinculou-lhe a vida e a morte, tornando-o responsável por sua saúde futura; investiu nele seu próprio por vir, supondo que tinha efeitos inelutáveis sobre sua descendência; entregou-lhe a alma, supondo que era ele que constituía o elemento mais secreto e mais determinante da mesma. Não imaginamos a burguesia se castrando simbolicamente, para melhor recusar aos outros o direito de ter um sexo e usá-lo a seu bel-prazer. Deve-se ao contrario, vê-la, a partir da metade do século XVIII, empenhada em se atribuir uma sexualidade e constituir para si, a partir dela, um corpo específico, um corpo de classe com uma saúde, uma higiene, uma descendência, uma raça: autosssexualização do seu próprio corpo, encarnação do sexo em seu corpo próprio,

endogamia do sexo e do corpo. Havia sem duvida, diversas razões para isso. (FOUCAULT, 1988, p. 135-136).

A busca por um corpo limpo, ou seja, livre de doenças não era preocupação para aqueles que na primeira metade do século XVIII viam o corpo como meio produtivo para mão de obra, e as reproduções eram vistas como meio de povoar e girar a economia, ou seja, o corpo e o prazer nunca foram levados em consideração, por isso a sexualidade e os corpos dos sujeitos foi o objeto de atenção dos burgueses, voltando esses cuidados tanto para sua própria sexualidade, quanto para sexualidade alheia, uma maneira encontrada de protegê-la contra o mal que poderia afetar e reduzir a população ou deixá-la marcada pela multiplicação das doenças. Por isso, as relações fora do casamento, as prostituições não era vista como bons olhos, porque elas levaram os sujeitos a desenvolverem as doenças do sexo, e por esse motivo criou-se o plano emergencial para vigiar os corpos e a sexualidade dos sujeitos. A burguesia tinha por obrigação

[...] controlar a população e obter regulação demográfica [...] enfim a instauração de toda uma tecnologia de controle [...] a escola, a política habitacional, a higiene pública, as instituições de assistência e previdência, a medicalização geral da população, em suma, todo um aparelho administrativo e técnico permitiu sem perigo importar o dispositivo de sexualidade para a classe explorada. (FOUCAULT, 1988, p. 138).

As marcas castas de aliança por ascendência de sangue ou classe social não se voltaram apenas por uma questão delegada a relações conjugais, fatores econômicos, brasões familiares ou heranças, e sim pela preocupação com o corpo sexual, para que o mal não se proliferasse por gerações, o que se buscava era um controle para o cuidado com a sexualidade dos sujeitos e não em reprimi-los sexualmente. Esses cuidados receberam rótulos de repressão sexual por ter sido imposto com rigor a toda sociedade, nos dias de hoje, os cuidados ainda segue as mesmas precauções, uso de prevenções, mas as práticas do sexo são realizadas sem necessariamente submeter os sujeitos ao casamento, enquanto se refere a fatores ecumênicos muito práticas são realizadas para garantir estatuo a mulheres e melhorar suas condições de vida, como podemos observar na leitura que faremos dos contos que constituem o nosso *corpus* de pesquisa.

3. No corpo da literatura: mulher, sexualidade e repressão

Como apontamos na secção acima, tratar da sexualidade é algo que, apesar dos inúmeros trabalhos existentes, ainda gera certo incômodo porque indigesta para muitos que entendem ser a sexualidade assunto apenas da esfera privada e, mesmo nesse espaço, deve ser visto como um assunto quase intocável. Entretanto, sendo a literatura espaço do desejo, a leitura de textos que tratem da temática da sexualidade pode iluminar-nos a conhecer melhor o assunto e também a lidarmos melhor com a nossa própria sexualidade. Libertando as emoções, sem medo e receio, poder sentir mais preparados e responsáveis para se libertarem dos recalques impostos por uma sociedade que dá à luz seres fragilizados, reprimidos sexualmente, por se acharem incapazes de capturar e vivenciar as benesses do poder de Eros.

Começemos com o conto de Ignácio Loyola Brandão. Em *Obscenidades para uma dona de casa* (2000), o que nos inquieta, como leitora, é o perfil feminino da protagonista.

A Mulher do apartamento 91 era dedicada ao lar, esposo, filhos não gostava de coisas fora do normal. Sua vida cotidiana era esquematizada e ela nunca desobedecia senão seria para ela muito difícil viver.

A ansiedade dos seus dias se dava ao carteiro, que cotidianamente entregava as cartas nos 91. Essas cartas causavam excitação na personagem, pois seu conteúdo continha teores eróticos, os quais possibilitavam a ela sentir prazer.

“Teu pau engolindo o meu cacete e o meu creme descendo pela tua garganta, para te lubrificar inteira. Num quarto cheio de espelhos, para que você veja como trepo gostoso em você, enfiando meu pau bem no fundo”.

Trata-se de uma mulher que, no imaginário popular, pode ser vista como à moda antiga. Ou seja, a personagem é uma mulher presa ao lar, à casa e voltada para prendas domésticas e os cuidados com os filhos. Temos aqui a figura do anjo do lar a quem competem a harmonia da casa, o zelo para com o marido e os filhos. Enfim, dentro dessa lógica, a mulher deveria ser o anjo do lar e esse papel pressupunha toda uma neutralidade da figura feminina, o apagamento de sua subjetividade a fim de que os homens não fossem desagradados. Ser um anjo do lar, dentro da lógica patriarcal, exigia da mulher a subserviência ao macho, seja ele o pai, seja ele o marido. Como anjo do lar, a mulher deveria pairar quase como uma sombra, ocultando-se e apagando os seus desejos também.

Nesse sentido, quando pensamos na personagem do conto de Ignácio Loyola Brandão, vemos que o desejo dessa personagem era saciado não no toque real do corpo do outro, mas por uma forma de realização do desejo inconscientemente materializado pela imaginação

reprimida. O seu desejo era arrastado para o inconsciente e, quando vinham à tona, eram sublimados.

Quanto tempo falta para ela chegar? Ela não gostava de coisas fora do normal, instituiu sua vida dentro de um esquema nunca desobedecido, pautara o cotidiano dentro da rotina sem sobressalto. Senão, seria muito difícil viver. Cada vez que o trem saía da linha, era um sofrimento, ela mergulhava na depressão. Inconsolável, nem pulseiras e brincos, presentes que o marido trazia, atenuavam. (BRANDÃO, 2000, p.471)

Para ligar com a pulsão erótica, a personagem vale-se da escrita como instrumento de sublimação² de seus desejos. Através da escrita, a personagem se desprendia de valores morais e das restrições sociais impostas ao seu sexo e dava vazão aos impulsos de Eros. Para tanto, a personagem escreve para si mesmas cartas eróticas em uma linguagem agressiva, as quais trazem um furor sexual incontrolável. Entretanto, apenas ao final do conto é que sabemos que remetente e destinatário são a mesma pessoa.

Quase cinco. E se o carteiro atrasar? Meu deus falta dez minutos. Quem sabe ela possa descer dar uma olhadela na vitrine da butique da esquina, voltar como quem não quer nada, ver se a carta já chegou. O que dirá hoje? Os bicos dos teus seios saltam desses mamilos marrons procurando a minha boca enlouquecida. Ficava excitada só em falar. (BRANDÃO, 2000 P.472)

Percebemos quão grande era a repressão por que passava a personagem, que ela precisou, para não ensandecer-se, criar para si mesma cartas nas quais confessa o que, no dia a dia, em vivência com o conjugue era inconfessável: seus desejos, suas taras, suas necessidade de vivenciar, sem controle algum, a sexualidade, as necessidade de seu próprio corpo, as quais precisaram ser disfarçadas, escondidas, assim como disfarçar o remetente das cartas foi algo necessário para gerar todo o suspense que perpassa a narrativa e, a partir dessa estratégia, criar condições para que os desejos reprimidos pudessem vir à tona.

Neste conto, temos, pois, uma narradora onisciente que vai relatando o cotidiano de uma mulher dedicada ao lar. A personagem organizava toda sua rotina diária, esquematizava toda sua vida para não desviar da linha que padronizava, para que depois não pudesse ser cobrada. Bastava um deslize em seus hábitos para a personagem mergulhar na depressão, pois nem mesmo os agrados do marido seriam suficientes para libertá-la de suas cobranças. Para não se comportar como transgressora mantinha cuidados excessivos, se tornando prisioneira e

² Estamos usando esses conceitos conforme eles são conhecidos pela teoria psicanalítica freudiana.

obrigada a seguir o que era exigido pela sociedade, prendendo-se nas amarras impostas e nas suas próprias âncoras pessoais:

Três da tarde ainda ficava ansiosa. Andava para lá, entrava na cozinha, preparava nescafé. Ligava televisão, desligava, abria o livro. Regava a planta já regada, girava a agenda telefônica, à procura de amiga a quem chamar. Apanhava o litro de martíni, desistia, é estranho beber sozinha às três e meia da tarde. Podem achar que você é alcoólatra. Abria gavetas, arrumava calcinhas e sutiãs arrumados. Fiscalizava as meias do marido, nenhuma precisando remendo. Jamais havia meias em mau estado, ela se esquecia que ele é neurótico por meias, ao menor sinal de esgarçamento, joga fora. Nem dá aos empregados do prédio, atira no lixo. (BRANDÃO, 2000, P.471).

Como podemos perceber, a personagem se priva de tudo, com receio de “sair da linha”, isto é, o que havia sido, socialmente, estabelecido. A personagem do conto entrava em diálogo constante com seu eu em uma mistura frenética de ansiedade que mal conseguia dominar-se. Todos os fatos dessa narrativa se davam no tempo cronológico, o entusiasmo se misturava à ansiedade a cada espera das correspondências (as cartas) recebidas durante a semana.

O conteúdo dessas cartas trazia palavras que a personagem considerava pornográficas, chulas que rompiam a padronização de uma linguagem resguardada, afligindo, assim, a moral e a sua dignidade feminina: “A tua boca engolindo inteiro o meu cacete e o meu creme descendo pela tua garganta, para te lubrificar inteira”(BRANDÃO, 2000, p.473). Pelas lentes do narrador, vamos percebendo que a protagonista de *Obscenidades para uma dona de casa*(2000) tem suas próprias necessidades e vontades sexuais, que ela não é tão recatada quanto procura demonstrar, mas muitas vezes reprime todo o seu desejo sexual, não se permitindo conhecer o corpo do outro tampouco o seu próprio corpo por viver presa às convenções socioculturais que a faz crer ser pecado a vivência plena de sua própria sexualidade. Por isso, na tensão que se estabelece entre seguir os impulsos do inconsciente ou deixa-se guiar pelo superego³, a protagonista vai mostrando que já não suportava mais reprimir seus desejos e chega a pensar em viver em total liberdade, fala em se desquitando do marido por ele não lhe dedicar o tempo necessário tanto afetivamente quanto intimamente.

Cada dia as cartas ficavam mais abusadas, entronas, era alguém que escrevia bem, sabia colocar as coisas. Dia sim, dia não, o carteiro trazia o envelope amarelo, com tarja marrom, papel fino de bom gosto. Discreto, contrastava com as frases. Que loucura, ela jamais imaginara situações assim, será que existiam? Se o marido, algum dia, tivesse proposto um décimo daquilo, teria pulado da cama, vestido a

³ Estamos usando esses conceitos conforme eles são conhecidos pela teoria psicanalítica freudiana.

roupa e voltado para a casa da mãe. Que era o único lugar para onde poderia voltar, saía de casa para se casar. (BRANDÃO, 2000, P.472)

Essa luta que se trava é muito difícil para ela que nasceu em uma cultura onde ser mulher é anular-se como sujeito, é apagar seus desejos, sua subjetividade e estar à mercê do desejo do outro, o masculino castrador. Por isso, entre os anseios de liberdade e a vivência à prisão de um casamento que não a satisfaz como mulher nem como ser humano, a protagonista titubeia e busca suportar a ausência do cônjuge, dedicar total atenção aos filhos. Mesmo assim, vamos percebermos que ela não suportava mais a casa, nem seus filhos.

Disse que faz três meses que recebo as cartas? Se disse, me desculpem, ando transtornada com elas, não sei mais o que fazer de minha vida, penso que numa hora acabo me desquitando, indo embora, não suporto esta casa, o meu marido sempre na casa de massagem e na vázea, esses filhos com patins, skates, enchendo álbuns de figurinhas e comendo como loucos. (BRANDÃO, 2000, P.476).

Como válvula de escape ante a tensão que se estabelece, a personagem encontrava na escrita das cartas eróticas o mecanismo para desfrutar da liberdade que lhe era, socialmente, tolhida. Sem as cartas, era como se estivesse condenada à morte porque as cartas representam a escrita de um desejo que, não satisfeito no plano do real, vive latente e precisa vir à tona.

A personagem vivia em função de uma cultura a qual a mulher tinha um único papel: zelar e dar exemplo para a família, mas no íntimo da personagem tanto requinte, pudor e respeito a que se impunha a sufocavam, o que ela desejava era viver com seu cônjuge tudo o que, eroticamente, retratava nas cartas. Por isso, criava mentalmente uma figura masculina que a realizava sexualmente sem qualquer pudor nos gestos, nas formas de transar ou na linguagem utilizada durante as relações sexuais imaginárias.

Semana passada o maluco me escreveu: Queria te ver no sururu, ia te pôr de pé no meio do salão e enfiar pica dura como pedra bem no meio da tua racha melada, te fodendo muito, fazendo você gritar quero mais, quero tudo, quero de todo mundo nesta sala me enterre cacete.

Tive vontade de rasgar tal petulância, um pavor. Sem saber o que fazer, fiquei imobilizada, me deu uma paralisia, procurei imaginar que depois de estar em pé no meio da sala recebendo um homem dentro de mim, na frente de todos, não me sobriaria muito na vida. Era me atirar no fôgo e ligar o gás. Entrei em pânico quando senti que as pessoas poderiam me aplaudir, gritando bravo, bravo, bise saíram dizendo para todo mundo “ Sabe quem fode como ninguém ? A rainha das fodas ? ” Eu. Seria a rainha, miss, me chamariam para todas as festas. Simplesmente para me ver fodendo, não pela amizade, carinho que possam ter por mim, mas porque eu satisfaria os caprichos e as fantasias deles. Situações horrendas, humilhantes, desprezíveis para mulher que tem um bom marido, filhos na escola, uma casa num prédio excelente, dois carros. (BRANDÃO 2000, p. 476)

A personagem a se saciar psicologicamente a cada orgasmo solitário realizado no apartamento 91. Por sentir-se presa a essas estruturas, a personagem deixa de lado suas próprias vontades de ir além do que é exigido pela sociedade, se prendendo a um machismo desnecessário que inibe o sujeito de realizar o que deseja, agredindo assim seu corpo, se vendo como uma dos piores seres, com a pecadora e mulher vil ao longo dos séculos.

A personagem se excitava com conteúdos das cartas lidas, que traziam relatos de assuntos que ela se questionava se realmente existiam. Deles se afastava por questões religiosas e familiares, dominando também seus desejos eróticos, feridos e reprimidos, mas que nutria o desejo devasso de ser tratada de forma voraz, de ouvir o que nunca tinha ouvido de alguém; imaginava-se sempre em situações eróticas, mas tinha que reprimir a possibilidade de realizar seus desejos, taras sexuais pelo pudor de comportar-se como uma mulher casada e decente, mas, nos momentos em que a repressão deixava o desejo aflorar, a personagem queria se realizar na cama, permitindo-se viver plenamente sua sexualidade.

Quando a mulher se nega a realizar os anseios do homem, não está negando apenas a eles, como não se permite rompendo seus desejos, transgredindo e almejando se libertar dessa repressão e de um moralismo que a condena a não conhecer o que tanto anseia, isto é, o orgasmo. Por acharem que seu corpo era depreciado pelo homem, as mulheres não detinham poder algum sobre o próprio corpo, tornando-se assim submissas aos domínios da figura masculina.

Muitas vezes as mulheres como a personagem do conto de Ignácio Loyola Brandão se envergonham de realizarem seus desejos e fantasias, sentem medo do que os cônjuges, parceiros ou outros homens, até mesmo outras mulheres, vão pensar a seu respeito.

Lembrou-se que uma das cartas tinha um postal com cenas da vida etrusca, uma sujeira inominável, o homem de pé atrás da mulher, aquela coisa enorme no meio das pernas dela. Como podia ser tão grande? Rasgou em mil pedaços, pôs fogo em cima do cinzeiro, jogou tudo na privada. O que pensavam que ela era? Por que mandavam ais cartas, cheias de palavras que ela não ousava pensar, preferia não conhecer, quanto mais dizer. Uma vez, o marido tinha dito resfolegante, no seu ouvido, logo depois de casada, minha linda bocetinha. E ela esfriou completamente, ficou dois meses sem gozar. (BRANDÃO 2000, p. 472)

A personagem ruborizou na primeira oportunidade que o esposo teve para com ela na busca de novas formas de prazer, que pudessem levá-los a realizar suas mais audaciosas fantasias. A personagem se retraiu, negando a si mesma a descoberta dos prazeres do seu próprio corpo e do corpo do outro. O sujeito, por se reprimir sexualmente, se fragiliza e busca se auto-afirmar, lutando para realizar o desejo que tanto busca, mesmo que tenha de infligir a

ordem, desfazendo padrões sociais que limitam e demarcam as formas de agir socialmente, mas que mesmo assim não conseguem limitar o desejo dos sujeitos na busca em realizá-los.

Assim, fica evidente a miséria em que se encontra a personagem do conto *Obscenidades para uma dona de casa* que se prende a tabus reprimindo o prazer, interiorizando as interdições sociais e causando a si mesma desastrosas frustrações. A mesma frustração que causava ao seu corpo refletia em sua mente. Esse distúrbio desviava as sensações de prazer que poderia ter no contato corpo a corpo com seu amado. Senti-lo através de fantasias internas era punir seu corpo, agredindo-o, crucificando-o a cada carta que ela própria escrevia e recebia em sua casa as tão desejadas e prazerosas cartas que a leva ao ápice solitário.

Essa forma repressiva a que a personagem se submetia não dá liberdade para que ela tenha momentos mais picantes com o outro por medo de como ele a julgaria. A personagem agia dessa forma porque, tendo em vista a formação cultural que recebera, cabia à mulher o recato, a contenção do desejo. Quanto mais dedicada ao lar e aos instintos maternos, mais ela anulava seus instintos sexuais. Por meio dessa personagem, percebemos a representação das insatisfações femininas com o casamento, com a ausência de uma vivência sexual plena, daí por que as crises conjugais e pessoais que aponta para, no plano social, a crise por que os sujeitos passam, uma vez que tentam buscar outras formas de ser e de existir para além do que já foi, socialmente, imposto.

Nesse caso, quando o sujeito dessa luta é uma mulher, percebemos o quão acentuado foi o embate com os valores e ditames sociais, uma vez que a busca por libertar-se dessas imposições passa, inevitavelmente, por uma luta interna cujo objetivo é não se culpabilizar por desejar viver para além das estruturas hegemônicas de poder. Em virtude desse aspecto, é que poderemos entender as tensões por que passou a protagonista do conto, a qual não chega a subverter a ordem patriarcal. A própria tensão psíquica por qual ela passa aponta para o fato de que, mesmo tentando a liberdade, ela se mantivera presa aos códigos do patriarcado. Esse não será, porém, o destino da protagonista do conto de Henriqueta Belminda que passaremos a analisar a partir de agora e cuja protagonista não deixa de estar presa às ditames patriarcais, mas aponta para outras formas de negociação, vivência e subversão da ordem do patriarca.

Em *A esposa do colecionador* (2011), de Henriqueta Belminda, o protagonista é, aparentemente, um homem que tinha como *robby* colecionar formigas. Por isso, colecionador era como se denominava Alexandre, que recebera o mesmo nome do Imperador romano, mas se desvinculava dos méritos deste por não ter os atributos físicos tampouco ter feito algo que

se igualasse à figura do imperador romano. O Alexandre, construído por Henriqueta Belminda, era um sujeito desprovido de caráter, altura. Era um homem antissocial, não conquistava bens pessoais nem emocionais, não gostava de crianças, achava-as insuportáveis e barulhentas. Enfim, o protagonista era um personagem que não era nem se fazia notar em lugar algum nem mesmo na repartição onde trabalhava.

Os colegas não sabiam coisa alguma da vida particular, tampouco sabiam que o colega não gostava de nada do que, geralmente, todos da repartição gostavam: futebol, música, cinema, televisão. A única distração de Alexandre era colecionar formigas. Quando ele não estava no trabalho, ficava no escritório de casa admirando sua estranha coleção”. Ele tinha formigas de todas as espécies, até das mais raras, como também tinha formigas e toda Hierarquia: as obreiras, a classe social mais baixa; Os machos, que são necessários apenas para fecundar as rainhas, e as chiques rainhas, que só tem a obrigação de procriar mais (formiguinhas) para continuar a lhe servir. (BELMINDA, 20011, p.24).

A única vez que Alexandre se expôs aconteceu no enterro da esposa de seu chefe. Por isso, nas raras ocasiões em que ele aparecia em eventos sociais, todas as atenções se voltavam para sua esposa que era jovem e parecia mais com filha e não esposa de Alexandre. Este não dava atenção à mulher e se importava apenas com sua coleção de formiga, inclusive chegava a comparar a esposa com as formigas obreiras. Ou seja, se estas devem cuidar da rainha do formigueiro, Ana Rosa, a esposa do colecionador, deveria cuidar dele porque, dentro do lar, ele era o rei a quem ela deveria servir.

Sua esposa Ana Rosa reclamava da paixão obsessiva dele por formigas, mas Alexandre respondia que ela jamais poderia entender a magnífica coleção. Só alguém muito inteligente poderia entender o mundo desses pequenos seres. E mandava a esposa se preocupar com as tarefas de casa e ser uma católica devota. (BELMIDA, 2011, p. 25-25).

Ana Rosa vivia sob as imposições do marido. Recantada, sabia seu papel específico dentro de sua relação, já que não podia ter filhos, porque quando mais jovem tivera que retirar o útero, teria que ser boa esposa e devia obediência ao marido e a suas exigências.

O amor e a paixão dentro do casamento deviam ser minimizados, pois o amor-paixão era sempre visto como algo irracional. [...] era o oceano em que naufragam as más paixões, arriscando levar, nesse naufrágio, os bens, a honra e o patrimônio familiar. (DEL PRIORE, 1952, p.28).

As relações entre o homem e mulher só podiam ocorrer se tivesse como finalidade multiplicar a descendência, o que não causava nenhum tipo de preocupação para Alexandre

porque Ana Rosa era estéril. Isso não quer dizer que a esposa do colecionador não desejasse, não sentisse a necessidade de aplacar os chamados do próprio corpo. Tal qual outras mulheres que, mesmo sob uma rígida vigilância, burlava as imposições e restrições sociais, Ana Rosa, com sua forma aparentemente passiva de se comportar e obediente, valia-se da imagem de boa moça e de boa esposa, tão valorizadas pela sociedade patriarcal, para romper com os ferrolhos do castelo que a aprisionava e assim poder viver, na rua, o que era impossível em casa.

Como Ana Rosa foi oferecida a ele em matrimônio, ele tinha o casamento como indissolúvel. Alexandre era um homem que, pela descrição em relação à Ana Rosa, era mais velho e possivelmente vivesse em castidade. Essa não seria posta em perigo porque, sendo Ana Rosa estéril, não haveria razão para a existência de relações sexuais, tendo em vista que, dentro da lógica da moral cristã, toda manifestação íntima que tinha como objetivo a procriação. Talvez por isso Alexandre colecionava formigas: mais do que um entretenimento, sua coleção exótica poderia ser, inconsciente⁴, de se colocar no lugar da formiga macho por ser a figura provedora do lar e, no plano simbólico, poder fecundar várias vezes a mesma formiga, as obreiras que seriam as escravas, já que Ana Rosa não se encaixava na hierarquia de rainha, pois não podia procriar, trazendo para relação humana seria os concubinatos.

[...] A Esposa aceitava com resignação a postura do marido e também aceitava as comparações que o próprio costumava fazer entre ele e as formigas obreiras. Ela dizia que a esposa era igualzinha às obreiras essa era o momento em que a esposa via o marido sorrindo. Ela coitada, não sabia que o marido estava comparando-a com tais formigas na incapacidade de procriar e na sua estatura (BELMINDA, 2011, p.25).

A relação estranha do personagem Alexandre com as formigas seria uma forma de transferir ou reprimir seus desejos. Observá-las lhe causava saciedade. As formigas poderiam representar para Alexandre a mulher como figura que servia apenas para procriação e ser servil ao homem.

As formigas como as abelhas seguem uma denominação cada uma tem uma função no grupo das formigas, as obreiras são uma espécie de escravas da colônia que serviam a rainha. Os machos os fecundadores da rainha e esta tinha apenas a obrigação de procriar, gerando mais formigas para que elas continuassem a lhe servir. As formigas obreiras podem

⁴ Estamos usando esses conceitos conforme eles são conhecidos pela teoria psicanalítica freudiana.

representar a mulher sob o regime patriarcal. A ela compete o cuidado com o lar e com a família, servindo de objeto de cama e mesa para o marido.

No reino de Ana Rosa tinha um rei autoritário, insensível “Alexandre” que fazia de sua esposa uma súdita fiel. Alexandre fazia questão de dizer que, tal qual essas formigas, Ana Rosa pequena, havia nascido estéril e por isso seu destino era ser servil:

O marido achava a esposa uma mulher estúpida, com incapacidade de pensar ou fazer algo que o surpreendesse, mas como ele era um homem desconfiado e rude a proibiu de sair de casa sem sua permissão. Ana Rosa só podia sair para o mercadinho perto de casa, mesmo assim tinha que ser ligeira nas compras e não podia falar com ninguém no caminho. Ele também deixava a esposa ir a igreja nas quartas e sextas- feiras para rezar o terço e a novena com as outras devotas de Nossa Senhora. Entretanto Alexandre não sabia o que a esposa fazia em outros dias da semana no Horário do expediente dele na repartição (BELMINDA, 2011, p. 26-27).

Alexandre desvalorizava sua esposa titulando-a de estúpida, incapaz de pensar e de fazer ou realizar algo que o surpreendesse. As repreensões vinham de todas as formas. Ana Rosa mal saía de casa. Quando saía, era para resolver alguma necessidade. Ela não podia conversar com ninguém. Em sua casa, pesava a mão do patriarca Alexandre. O mundinho no qual ela vivia era pintado com as cores frias, obscuras de uma aquarela de amarguras. Essa forma de clausura era um meio encontrado pelo homem como pela igreja para preservar a honra da mulher a qualquer custo. Mesmo com tantas restrições, não havia muros erguidos que impedissem Ana Rosa de buscar realizar-se.

Dois ambientes são marcas relevantes de seus encontros íntimos com o encarregado de levar as formigas para os colecionadores da região entre eles Alexandre: a casa lugar de conforto e ao mesmo tempo de conflito pessoal e a igreja o ambiente santo e respeitado onde o pecado de Ana Rosa se ocultava aos olhos do homem.

Nesses dias, quando o marido saía para o trabalho, ela corria para o banheiro, tomava um banho caprichado e saía em direção à igreja. Fazia isso para despistar, caso o marido estivesse espreitando-a. Para não se arriscar por falta de zelo, saía de casa com roupas comportadas e fazia cabisbaixo o caminho da igreja. Quando chegava à casa de Deus, colocava a bolsa no banco, perto da igreja de Nossa Senhora, e se ajoelhava para rezar. Na outra ponta da igreja, senta do no banco oposto, com a cabeça baixa, estava um senhor de porte bonito e muito bem vestido (BELMINDA, 2011, p.26).

A casa foi o primeiro ambiente em que Ana Rosa sentira seus desejos sexuais sendo verdadeiramente realizados.

Ele pediu para conhecer a casa. Ana Rosa, com prazer, pediu que a seguisse. Quando estavam no quarto do casal, ele perguntou se a cama era confortável, Ela respondeu que sim, que era uma cama antiga, mas muito confortável, e com os lençóis sempre cheirosos e macios. Ele segurou-a pela mão com suavidade e perguntou se os dois podiam se sentar na cama. Ela consentiu. Ambos sentaram. Ele elogiou-a, dizendo que ela não só era muito linda, mas exalava também um delicioso perfume.

O encarregado pediu permissão para aproximar a cabeça no pescoço delicado da anfitriã, pois queria sentir melhor perfume. Ela, mesmo com medo e insegurança, permitiu, mas quando sentiu a respiração forte na sua nuca, arrepiou-se inteira e seu coração começou a palpitar de desejo e alegria.

O encarregado segurou as duas mãos de Ana Rosa entre as suas, sem tirar o nariz da perfumada nuca, falou baixinho para a distinta senhora relaxar. (BELMINDA, 2011, p.29-30)

Primeiro com carícias que recebera de um encarregado que viera deixar uma encomenda para Alexandre: mais formigas para a coleção. Como esse não estava em casa, Ana Rosa a recebera. Como nos relata o narrador onisciente, Alexandre encomendava formigas para aumentar a sua coleção, mas o encarregado só podia deixar a entrega quando Alexandre estivesse em casa. Em uma dessas entregas, o encarregado descumpriu a ordem e o horário determinado por Alexandre. O rapaz nunca tinha observado a beleza de Ana Rosa. Um sujeito galanteador, viajado e experiente, sabia como atrair e ganhar a confiança de uma mulher.

O homem ganhou a confiança da anfitriã da casa e ela passou a relatar sua triste história de vida, como conheceu Alexandre aos quinze anos de idade, a principal intermediária dessa história foi sua mãe, que viu nesse homem que fora professor de seu esposo a tábua da salvação de sua filha e resolveu unir o útil ao agradável, depois que saiu da cirurgia que a mutilou, deixando-a estéril. Ana Rosa foi entregue pela mãe a Alexandre como uma mercadoria sem valor algum, casando-se com ele sem amor.

Narrou que quando mãe e filha foram agradecer a Jesus e Maria pelo sucesso da cirurgia, encontraram com Alexandre na saída da igreja. Ele tinha sido professor do finado pai. A mãe apresentou Alexandre á filha e contou a triste situação que estavam passando. Como ele nunca quis ter filhos, interessou-se pela triste sina da garota que não podia ser mãe. A partir desse dia, começou a frequentar a casa da viúva. Levando um dinheiro para a mãe, dizia que era para ajudar nas despesas da casa, e presenteava a menina com uma caixa de chocolate. A mãe, necessitada e com a saúde frágil, entregou, feliz e agradecida, a filha ao colecionador; assim a menina teria alguém para protegê-la e nada lhe faltaria. (BELMINDA, 2011, p.28-29)

O encarregado viu possibilidades e sabia entender quais eram as necessidades de Ana Rosa e a seduziu e ela se entregou aos seus desejos. Depois, como os encontros em casa não poderiam acontecer, Ana Rosa passou a frequentar a igreja, lugar de comunhão de Ana Rosa não como divino, mas com o amante.

Enquanto Alexandre se aperfeiçoava na biologia das formigas e fazia da esposa uma figura aparentemente servil, escrava, súdita, desvalorizando-a preconceituosamente, Ana Rosa reinava nos seus mais íntimos e desmesurados desejos nas idas à igreja.

Depois desse dia, nas segundas, terças e quinta- feiras, eles se encontravam na igreja e subiam para o sótão, onde ficava o sino. O entregador de formigas sempre chegava mais cedo e deixava o pequeno no ninho de amor confortável, com mantas, lençóis e travesseiros, e abastecia o ninho com sanduíches, frutas e refrigerantes. Ambos ficavam a manhã inteira e parte da tarde fazendo amor e sentindo cada vez mais um êxtase mais profundo e intenso. (BELMINDA, 2011, p. 31)

Durante o restante da semana, Alexandre nem imaginava o que Ana Rosa fazia durante o horário em que ele trabalhava. Essas idas a igreja era a fuga para Ana Rosa realizar tudo o que o esposo não lhe proporcionava. Essa realização prazerosa se dava no aconchego dos braços quentes daquele que também entendia de formigas e de seu processo de hierarquia. No acalento dos braços de seu amante, Ana Rosa sentia seu corpo estremecer de prazer. A cada pequeno gesto que ele realizava, o toque em sua pele, a ereção do sexo, tudo vindo do encarregado fazia com que Ana Rosa descobrisse que existem tesouros (pênis) de diferentes tamanhos, rendendo-se à dependência do falo a cada novo encontro.

Quieta e sem frear as mãos do entregador de formigas, deixou o cavalheiro abrir seu vestido desmanchar seu lindo penteado e ambos, como vieram ao mundo, deitaram na confortável cama. O encarregado de formigas alisou o corpo da anfitriã com suas mãos grandes e mornas, parou nos seios, começou a beijá-los e a dar delicadas mordidas, deixando a recatada senhora louca de prazer. (BELMINDA, 2011, p.30)

Ana Rosa pedia perdão a Deus pelo pecado que cometera e pelos que não tinha cometido, e prometia rezar o terço, mas buscava mesmo era servir a outro senhor: o encarregado que a fizera descobrir-se como mulher, como sujeito desejante e consciente da opressão que sofria de Alexandre. Durante os encontros com Ana Rosa, o encarregado passou a explicar-lhe tudo sobre formigas, e ela foi compreendendo o porquê das comparações feitas pelo esposo em relação a ela e as formigas obreiras. Mas, na verdade, Alexandre para Ana Rosa só era macho no nome porque o que carregava nas pernas para ela era inútil, por ele não fazê-la sentir o que ainda não conhecia e que ele não foi capaz de levá-la a descobrir.

Nesse ponto, há uma inversão entre a esposa e o colecionador, além de uma diferença substancial entre a personagem do conto de Henriqueta Belminda e a do de Ignácio Loyola Brandão: o oprimido burla o opressor, fazendo a achar que este está no comando. Ana Rosa vale-se da dissimulação como estratégia de resistência à opressão do macho, para não

sucumbir às imposições patriarcais e para assumir-se como senhor do seu próprio corpo e desejo, o que não acontece com a protagonista de *Obscenidades para uma dona de casa*.

No final da narrativa, vamos perceber a sutil e grande ironia na narrativa: Alexandre, que concebia Ana Rosa como formiga obreira, é que se mostra nessa função porque vivia para o trabalho, para sustentar a família, ajudar a mãe de Ana Rosa, e era disciplinado com suas obrigações sexuais, comparecendo ao leito da rainha, Ana Rosa, com disciplina.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Representação da mulher na literatura ou a construção dessas como personagens vão estreitando as relações de gênero. Em uma das narrativas a mulher busca e realiza seus desejos enquanto a outra relata suas tensões vivenciadas cotidianamente em sua jaula que para servir à ordem do sistema a torna uma mulher como tantas outras. Uma das personagens dos contos se apresenta extremamente vingativa, enquanto a outra é notável a dependência psíquica ao outro.

Na narrativa de Henriqueta Belminda, a personagem Ana Rosa rompe todas as convenções em que a mulher faz cessar paradigmas em uma sociedade que reprime seu conhecimento a respeito do corpo, do sexo, da sexualidade, como algo envolvido no pecado, e não como instrumento de dominação. A personagem feminina nesta narrativa é apresentada como uma mulher frágil, confinada ao lar, ao marido que preservava o respeito social, mas que no decorrer desse enredo ela romperia ditos e conceitos impregnados e tornando-se sua própria ameaça, desmistificando o papel de “mulher ideal”o que era exigido pela sociedade.

O narrador coloca a figura feminina como revolucionária que buscou e buscam direitos iguais para mulher quanto foram dados os homens, e passaram a explorar melhor sua sexualidade, mesmo que ainda sejam encontradas divisórias em volta do discurso que dar direito a expressar com liberdade os desejos e prazer que antes eram a elas negados.

O homem nesta narrativa foi representado como sujeito frio, insensível, um sujeito insignificante para a esposa, um homem que comparava à esposa a sua coleção de formigas, em especial as formigas obreiras por ver na esposa uma mulher obediente as suas imposições. A posição adotada por uma mulher que se assume sujeito superior nesta hierarquia, que se vinga de um sistema e de um discurso que por séculos oprime a mulher. O mesmo não pode esperar da personagem de Ignácio Loyola Brandão em sua narrativa que nas entrelinhas

contém expressões com marcas machistas que mostram uma personagem completamente dependente da ordem falocêntrica. Nesse conto, notamos certa falsa independência da mulher que implora a atenção do marido, esmolava um prazer que nunca chegava, vivia na insatisfação do espaço doméstico.

A personagem feminina faz uso da linguagem escrita para seus relatos erótico-pornográficos como válvula de escape, ou seja, uma falsa liberdade, falsa autonomia para demonstrar seus desejos e conflitos pessoais. Uma personagem que nas entrelinhas é representada como subserviente e presa a paradigmas socioculturais fazendo com que ela percorra as profundezas cavernosas do seu eu que se conflita entre o desejo do corpo e as cobranças do inconsciente coletivo que a reprime.

Nas duas narrativas embora as personagens sejam representadas com certa independência, elas passam por uma forma de redimensionar seu comportamento dando origem a um novo modelo de mulher, mas que são agarradas à ordem que envereda seus caminhos na busca de reivindicar seus direitos e igualdade entre os gêneros, a falar de suas relações, sexo, sexualidade, corpo, suas vivências como mãe, esposa, amante, princesinhas do lar que, muitas vezes, são interpretadas de forma negativa por uma sociedade que busca tanto igualar as duas categorias, em que a mulher ainda é vista como ser inferior ao homem.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BELMINDA, Henriqueta. **A esposa do colecionador: contos eróticos**. Paraíba: Produção Independente, 2011.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Obscenidades para uma dona de casa. In: MORICONI, Ítalo (org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva: 2000, p. 471-477.

BLANC Cláudio. **Uma breve historia da sexualidade: fatos e curiosidade sobre o sexo e a sexualidade mais interessantes de todas as eras**. São Paulo: Gaia, 2010.

DEL PRIORE, Mary. **História e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2014.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

ABSTRACT**BETWEEN REPRESSION AND THE RIGHT TO ENJOY: THE EXPRESSION OF FEMALE DESIRE IN CONTEMPORARY BRAZILIAN LITERATURE IN IGNÁCIO LOYOLA BRANDÃO AND HENRIQUETA BELMINDA**

This work search to study the expression of erotic desire in two tales in Brazilian literature: *Obscenities for a housewife* (2000), by Ignacio Loyola Brandão, and Henriqueta Belminda's *The Wife of the collector* (2011). We desire, evidence how, from the expression of erotic desire through the protagonists, the narratives can lead us to a reflection on female sexuality in a patriarchal and repressive society as ours. The analysis to be carried out is based on studies on sexuality and women, notably Michael Foucault and Mary Del Priore.

Keywords: Sexuality. Woman. Contemporary Tal

